A "DIDÁTICA DA HISTÓRIA" INTRÍNSECA À CAPOEIRA E SUAS POTENCIALIDADES PARA O ENSINO ESCOLAR DE HISTÓRIA DOS AFRO-BRASILEIROS

THE INTRINSIC CAPOEIRA "HISTORY DIDACTICS" AND THEIR PONTENTILATIES TO THE SCHOOL TEACHING OF THE AFRO-BRASILIANS HISTORY

Luzia Márcia Resende Silva[1]

Resumo: Neste texto, pretendo apontar alguns elementos daquilo que Rüsen chama de "didática da história", ou modos de ensinar Historia herdados pelos Afro-brasileiros das culturas Africanas das quais descendem. Procurarei explicitar como a capoeira está prenhe desses elementos e como esses saberes e modos de ensiná-los, presentes na capoeira, forjam uma consciência histórica de grande importância para as lutas contra o racismo. Defenderei que a presença da capoeira (também de outras práticas das culturas Afro) nas escolas em todos os níveis poderia ser essencial para dar cumprimento à lei 10.639/2013, por serem narrativas da história dos afro-brasileiros. Apreender elementos dessa "didática da história" afro-brasileira e incorporá-los ao ensino de história enriqueceria nosso fazer escolar.
Palavras-chave: Capoeira; Cultura; Didática da história; História da África; História dos Afro-brasileiros.

Abstract: In this paper, I intend to point out some elements of what Rüsen calls "history didactics", or teaching ways inherited by Afro-Brazilians from their original Afrian cultures. I will try to explain how capoeira is filled with these elements and how they forge a historical consciousness of great value to the struggle against racism. I'll argue in favor of the presence of capoeira (and others Afro-Brazilian cultures practices) as an essential device to comply the 10.639/2013 law in all scholarship levels, because they are narratives of Afro-Brazilians history. The assimilation and incorporation of these elements into teaching history would enrich our school teaching.
Keywords: Afro-Brazilians history; Capoeira; Culture; History didactics; History of Africa.

Este texto[2] visará apresentar considerações sobre o que Rüsen denomina de " didática da história" intrínseca à capoeira e o significado de sua construção como forma de luta/resistência/reconstrução de identidades das populações escravizadas no Brasil, ou seja, como orientação da vida prática. No programa de pós-graduação que atuo, que é um

[1] Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Professora da Universidade Federal de Goiás – UFG/ Regional Catalão, Brasil.
[2]Este texto tem como base ideias apresentadas em comunicação no XV encontro de Educação histórica que aconteceu em julho de 2015 em Cuiabá-MT.

Mestrado Profissional em História, participo de uma linha de pesquisa denominada "história, sociedade e práticas educativas". Dentro da linha, temos procurado, problematizar as diferentes dinâmicas de funcionamento social e seus saberes intrínsecos, nos atentar às práticas educativas imbricadas nas diversas experiências de trabalho, nos costumes, nos grupos/movimentos sociais e seus relacionamentos, nas religiosidades e em outros elementos da cultura[3] como elementos que forjam, ou em algumas situações são as únicas responsáveis pela "consciência histórica[4]" dos sujeitos.

Tenho trabalhado nos últimos anos com a disciplina de História das Populações Negras e Indígenas, no Curso de História, e orientado alunos que procuram compreender a prática do ensino de História das Populações Afro-Brasileiras nas escolas após a publicação da lei 10.639/2013, e me preocupado, deveras, com a efetividade do cumprimento dessa lei nas escolas brasileiras. Neste contexto de minha atuação, orientei uma professora[5] – pedagoga e professora de capoeira – que desenvolveu sua monografia de final de curso, por mim orientada, com o título *Capoeira e História: Potencialidades e Perspectivas na Construção e Ensino da Experiência dos Afro-Brasileiros*. Desde então, acerca de uns seis anos, acompanho as atividades desenvolvidas pelo Grupo Senzala de Capoeira, pois, meu filho, hoje com 13 anos, iniciado na capoeira aos 5, por meio de um projeto na escola em que estudava na cidade de Uberlândia – MG, foi recebido pelo grupo Senzala e tem treinado nele desde então.

No diálogo com Flávia/Sereia e seu esposo Pablo/Dino, também professor de capoeira, no processo de orientação do trabalho de final de curso e no acompanhamento das atividades do grupo Senzala, surgiu o desejo de explicitar a potencialidade da capoeira como estratégia para ensino de história da África e dos Afro-Brasileiros nas escolas, uma vez que tanto as análises de materiais didáticos produzidos para o ensino de História após a lei 10.639/2013, quanto a observação da implementação da lei nas escolas, têm mostrado a precariedade da efetividade da lei.

Acompanhando os processos de ensino aprendizagem de meu filho, percebi o quanto sua participação no grupo de capoeira foi importante na orientação de sua vida prática: desenvolveu nele uma profunda empatia pelas pessoas de pele negra, fazendo-o assumir uma postura combativa em relação à prática do racismo e um interesse muito grande pela história do Brasil, especialmente por temas que tratam da participação dos negros nessa história. A prática da capoeira apresentou a ele um diálogo com a História do Brasil e com os muitos personagens negros que a ajudaram a construir.

[3]Nossa linha trabalha a compreensão de Cultura inspirada nas perspectivas de autores como E.P. Thompson e R. Williams.
[4]Lidamos aqui com a noção de consciência histórica tal qual foi sistematizada por Rüsen como capacidade do sujeito de se situar no tempo e dar sentido a ele, e concebemos como sendo eixo de todas as perspectivas de epistemologia da história que lidam com a relação passado-presente-futuro.
[5]Flávia de Lima Leopoldino Almeida, "Sereia", que realizou uma especialização em "História, Cultura e poder" em nosso Curso de História.

Por conta própria, meu filho, começou a ler tudo que encontrava, seja na internet, seja em livros de história, sobre a atuação da população negra, assistiu várias vezes o filme brasileiro *Quilombo* e começou a procurar a biografia dos grandes mestres da capoeira, desenvolvendo especial apreço pelo baiano "Besouro". Pediu-me, ainda, um livro sobre a mitologia dos orixás e passou a nutrir grande simpatia pelas religiões Afro.

As iniciativas de meu filho de se aprofundar na compreensão de uma história do Brasil, partindo da atuação das populações negras, suas lutas e heróis, levaram-me a refletir sobre como a prática da capoeira é imbricada de uma "didática da história[6]", desenvolvida ao longo de centenas de anos e forjada sob diferentes influências de culturas africanas originais talhadas no ser de homens e mulheres africanos trazidos para o Brasil na condição de escravizados.

A observação e acompanhamento que tenho realizado junto ao grupo Senzala de Capoeira em Catalão-GO tem me possibilitado refletir sobre essa "didática da história" intrínseca às práticas das rodas de capoeira.

É amplamente sabido entre nós, que nossa cultura ocidental tem uma forma de ensinar calcada em procedimentos que começaram a ser desenvolvidos na Grécia antiga e que essa "didática" possui uma série de características e estatutos que foram desenvolvidos historicamente com base nas culturas europeias. As culturas europeias por sua vez guardam relações intrínsecas com os modos de ensinar da Grécia antiga, onde a oratória e os textos escritos possuem lugar de destaque. Ensinar História da África e dos Afro-brasileiros tem sido um desafio aos historiadores/professores, pois, para além dos entraves postos nas escolas para a efetivação do cumprimento da lei, temos utilizado nossos modos europeus/ocidentais para ensinar sobre uma cultura e história distinta em seus modos de ensinar. As culturas/sociedades africanas, especialmente as subsaarianas das quais somos tributários, desenvolveram ao longo de suas histórias modos de ensinar que possuem como elementos fortes, por exemplo, a oralidade e expressões/marcações corporais.

A convivência e observação atenta das rodas de capoeira e estudos sobre capoeira fizeram-me refletir, não apenas sobre um modo próprio de ensinar originário da África e suas evidências presentes nas práticas culturais Afro-Brasileiras, como também a necessidade de explicitá-lo e perceber sua eficácia e ainda de incorporá-lo em nossas escolas. Esses modos de ensinar, ou essa "didática da história" tipicamente Africanos podem ser desvendados e percebidos nas diversas expressões das populações Afro-Brasileiras, tais como: Samba, Congadas, Jongo, Capoeira e

[6]Didática vista sob a ampliação do vasto campo e funções da consciência histórica, como ciência do aprendizado histórico.(…) se aprender for entendido, fundamental e genericamente, como processo no qual as experiências e as competências são refletidas interpretativamente, esse conceito de aprendizado diz respeito ao que se discute aqui: a contribuição da ciência da história para o desenvolvimento daquelas competências da consciência histórica que são necessárias para resolver problemas práticos de orientação com o auxílio do saber histórico(RÜSEN, Jörn. 2007- pag 94.)

todas as outras. Aqui tratarei este modo de ensinar história tipicamente africano inscrito na capoeira.

Toda roda de capoeira é conduzida pelo praticante mais experiente, seja um professor, um mestrando ou um mestre. Os participantes mais experientes geralmente assumem o toque dos instrumentos: berimbau/caxixi, atabaque, pandeiro, agogô, triângulo e xequerê. Na roda, todos são identificados pelos seus nomes de batismo, que é dado pelo mestre ou professor e, geralmente, se refere a uma característica de destaque do aluno no contexto da roda. Ela é composta por todos os membros do grupo presentes e, apesar de haver hierarquias, os mais inexperientes, geralmente crianças e adolescentes, podem jogar com todos os participantes, desde os de mesma idade e hierarquia, até os mais graduados. As pessoas se sentam aleatoriamente em qualquer posição da roda e seu princípio e fim convergem para onde estão os músicos, a partir de onde o primeiro e o último (ou dois primeiros, ou dois últimos) da roda se desafiam, reverenciam as forças que emanam dos sons dos instrumentos e iniciam o jogo. Todos os participantes acompanham o som dos instrumentos com palmas e repetem as ladainhas tiradas pelo dirigente da roda.

Essa descrição da organização corriqueira de uma roda possui profundos ensinamentos sobre a cultura Afro-Brasileira. Procurarei, neste trabalho, explicitar como algo aparentemente simples é profundamente carregado dessa "didática da história" ou modos de ensinar tipicamente africanos.

Começarei pelo formato, a "roda", que tem significados muito importantes para as culturas Afro e segundo Abib (2004) representa o próprio tempo/vida.

> "[...] a concepção de tempo da cultura bantu, conforme Kagame (1975), [...] empregam o mesmo vocábulo para traduzir os termos "ontem" e "amanhã", e um outro para exprimir "anteontem" e "depois de amanhã". Ou seja, isso significa que passado e futuro se interpenetram e não se diferenciam substancialmente, fazendo parte, juntamente com o presente, de uma mesma unidade temporal, que como já foi visto, é marcada pelo evento. A roda de capoeira se constitui enquanto uma dessas expressões da concepção de tempo baseada no evento.[...] A presença marcante dessa concepção de tempo da cultura bantu, portanto, acaba deixando suas marcas também, de alguma maneira, na maioria das manifestações afro-brasileiras que sofrem essa influência,[...] A capoeira angola, ao buscar constantemente os vínculos com essa ancestralidade africana, e também com a ancestralidade que tem como referência os tempos de escravidão no Brasil, e posteriormente os tempos remotos da capoeira de rua, das desordens e vadiagens, busca estabelecer o elo entre o seu passado ancestral, o seu presente constituído e o seu futuro enquanto possibilidade concreta de afirmação social, cultural e política. " (ABIB: 2004, p. 136).

A roda significa, assim, a própria história vivida e narrada. Na roda se expressa a relação passado-presente-futuro e aí simbólica e concretamente se expressa/constrói a

"consciência histórica", ou seja, o sujeito capoeirista se situa no tempo histórico da construção da sociedade brasileira e da história da Humanidade. A roda de capoeira é inclusiva e promotora da igualdade, pois mesmo havendo hierarquias, elas são definidas pelos graus de experiência e sabedoria. Na roda, crianças são estimuladas a dar seu melhor para se compatibilizar com a experiência e sabedoria dos adultos e os adultos adaptarem seus saberes e experiências, num ato de humildade, para compatibilizar-se numa espécie de diálogo com a inexperiência e ingenuidade das crianças e fazerem-nas crescer. Essa prática de uma relação empírica dialógica na roda traduz importante metáfora dos significados das lutas das populações afro para a construção da sociedade brasileira, um espaço onde todos se reconhecem e se respeitam, estabelecem um campo de hierarquias onde o que define os lugares é a experiência/sabedoria e onde todos são responsáveis pelo bom andamento "energia vital" da roda e onde o saber mais, ter mais experiência e desenvoltura, significa assumir mais responsabilidades pelo crescimento e aprendizado de todos. A roda atualiza/traduz um projeto de construção da história, onde o diálogo entre o passado/presente/futuro é atualizado para que não se perca a sabedoria e as lutas ancestrais e o futuro que se quer construir com base nos valores transmitidos.

O local da roda onde se situam os músicos e seus instrumentos representa o sagrado, onde passado ancestral e futuro se encontram. Os capoeiristas e seus movimentos de luta na roda do tempo/da vida fazem jorrar o tipo de energia vital que terá a roda. Essa energia poderá ser positiva ou não, dependendo do quanto de suas qualidades e destrezas o sujeito empenhar no presente da roda.

> "[…] o pé do berimbau, local de entrada e saída do jogo na capoeira angola, é um lugar sagrado onde se juntam o início e o fim, o passado e o presente, o céu e a terra, o bem e o mal, a vida e a morte. A morte é sempre uma possibilidade latente. Todo capoeira sente sua presença ao agachar-se ao pé do berimbau. O coração bate mais forte, a respiração altera-se e os olhos fixam-se nos do seu parceiro de jogo, que pode vir a tornar-se seu algoz. Por isso, ao pé do berimbau, o capoeira se benze. A mandinga aí se expressa: seja pelo sinal da cruz, sejam pelos "traçados", que o capoeira faz com as mãos tocando o chão, hábito que se perde no tempo entre os velhos angoleiros. Seja ainda pela proteção que pede aos orixás, aos santos, ou aos antepassados, através de gestos próprios, com as mãos e com o corpo, ou mesmo durante o cantar de uma ladainha. Só então os dois apertam-se as mãos, e o jogo pode iniciar-se. " (ABIB: 2004, p. 141).

O toque das mãos tem um sentido muito forte para as culturas Afro-brasileiras. Segundo Souza Júnior (2011) "para as religiões de matriz africana, todos os caminhos se encontram na palma da mão para de lá partir. Por isso, tudo passa pelas mãos e o entende quem as toma como ponto de partida". Dessa maneira, o que parece um simples gesto de boa vontade entre dois capoeiristas, o tocar a mão do parceiro e o pé do berimbau, tem um sentido muito mais profundo de diálogo entre a vida e a morte, entre os descendentes e os

ancestrais, e assim como toda capoeira sente a morte ao agachar-se ao pé do berimbau, o toque com as mãos no sagrado ancestral representado no berimbau e nas mãos do companheiro é um apelo de vida e de futuro. A "didática da história" presente na capoeira ensina todos esses princípios contidos nestes gestos que, aprendidos, vão sendo paulatinamente desvendados pelos capoeiristas iniciantes. A roda ensina ao modo Africano, como são estabelecidos os laços na história entre passado-presente-futuro.

Todo capoeirista iniciante, após dominar alguns elementos básicos do jogo, passa por um "batizado", ou seja, recebe um codinome, pelo qual passa a ser identificado dentro do grupo. O batismo na capoeira e o nome recebido instauram o sentimento de pertença ao grupo. Essa pertença social ao grupo estabelece um processo de reconhecimento, responsabilidade, solidariedade e proteção mútuas.

Quando alguém é recebido em um grupo e vai iniciar seus aprendizados de capoeira a primeira coisa que aprende é um movimento chamado *Ginga,* que consiste em uma espécie de bailado de base triangular onde o jogador de sua base, que é a posição de estar firme com as pernas paralelas, hora dá um passo atrás com a perna esquerda e cobre o rosto com o braço esquerdo, hora com a direita e mantém o braço direito dobrado cobrindo firmemente o rosto. A execução deste movimento de maneira alternada embalada pelo ritmo dos instrumentos faz com que pareça um bailado. Segundo Abib (2004) esse movimento básico coloca os jogadores frente a frente se avaliando e esperando o momento para aplicação de um golpe. O que considero mais significativo do ponto de vista daquilo que chamo de modo de ensinar história ou " didática da história" é o que Abib (2004):

> "[…] afirma que o termo "ginga" refere-se, segundo Câmara Cascudo (2001), à Njinga Mbandi, ou simplesmente, rainha Jinga, que reinou em Angola entre os séculos XVI e XVII, (1587-1663) No Brasil, a rainha Jinga influenciou o imaginário de muitas manifestações afro-brasileiras, como os maracatus, congos e congadas, como relata Cascudo, além da capoeira. " (Abib, 2004, pag123).

O fato de a *ginga* ser o nome do primeiro e mais básico movimento da capoeira diz muito da narrativa histórica atualizada na roda. Levar a memória da grande rainha e heroína de Angola por sua resistência à ocupação portuguesa e à escravização, colocando seu codinome no primeiro movimento que a constitui é um procedimento profundamente inserido na "didática da história" na capoeira. A memória da rainha é reverenciada em um movimento de sondagem do adversário, um momento de esquiva e defesa, mas de estabelecimento de estratégia de luta, um bailado onde se dá um passo à frente outro atrás. As características do movimento narram a trajetória de Njinga[7], contemporânea de Zumbi e que tem com ele em comum a adesão ao quilombo como lugar de formação militar de seu exército de

[7]Nzinga Mbandi ou Nijinga Mbandi. Encontrei o nome da rainha angolana com as duas grafias.

resistência. “Jinga” foi uma rainha bela e perspicaz. Utilizou como tática de resistência a palavra, a negociação, conversão/desconversão e reconversão ao cristianismo e usou especialmente o enfrentamento militar para proteger seu povo da escravidão. Njinga preparava seus exércitos recorrendo à tática Jaga de treiná-los em quilombos. Carlos Serrano (SERRANO: 1995/96, p. 137) coloca:

> “A resistência de Nzinga à ocupação colonial e ao tráfico de escravos no seu reino por cerca de quarenta anos, usando de várias táticas e estratégias que vão desde a conversão ao cristianismo até as práticas jagas, é fonte para a criação de um imaginário que se impôs como símbolo de luta contra a opressão. Memória de Ginga, memória de Zumbi. “

O movimento de capoeira que atualiza a memória da “Rainha Ginga” é uma narrativa histórica traduzida em movimentos corporais e condiz com características do modo de Ensinar Africano ou sua “didática da história”.

Outra característica desse modo de ensinar toma visibilidade no canto das ladainhas de capoeira. As culturas Africanas têm na oralidade uma forte característica. As ladainhas podem se remeter a vários elementos da experiência social dos Afro-brasileiros, desde atividades cotidianas, lutas de resistência, memórias de ancestrais, memória de grandes capoeiristas, versões de história do Brasil e condição dos negros como sujeitos em sua construção, as dores do cativeiro, entre tantos outros elementos que compõem a experiência social dos negros na sociedade. Sousa & Souza (2013) explicam:

> “ […] Tal é a importância da palavra na África que existe um papel específico desempenhado pelos profissionais da tradição oral - os griots - pessoas que têm o ofício de guardar e ensinar a memória cultural na comunidade. Eles armazenam séculos e mais séculos de segredos, crenças, costumes, lendas e lições de vida, recorrendo à memorização. Existem também mulheres que exercem essas funções, conhecidas como griotes. [...] Há ainda outras categorias de contadores de histórias na África, como os Doma 3, tidos como os mais nobres contadores, porque desempenham o papel de criar harmonia, de organizar o ambiente e as reuniões da comunidade. Eles jamais podem usar a mentira, pois isso faria com que perdessem sua energia vital, provocando um desequilíbrio no grupo ao qual pertencem (Caderno de Educação - África Ilê Aiyê, 2001). A tradição oral pode ser vista como uma cacimba de ensinamentos, saberes que veiculam e auxiliam homens e mulheres, crianças, adultos/as velhos/as a se integrarem no tempo e no espaço e nas tradições. Sem poder ser esquecida ou desconsiderada, a oralidade é uma forma encarnada de registro, tão complexa quanto a escrita, que se utiliza de gestos, da retórica, de improvisações, de canções épicas e líricas e de danças como modos de expressão. ” (Sousa & Souza, 2013)

As ladainhas na capoeira são a expressão ou atualização deste tão importante elemento das culturas Afro. Todos no grupo são iniciados na aprendizagem de tocar os

instrumentos e participam do canto das ladainhas, seja como tiradores do canto, quando são mais experientes, seja na condição de coristas que junto com a marcação com palmas vão repetindo aquilo que é tirado. O canto, o toque dos instrumentos e o devido acompanhamento com palmas, a força do coro é o que garante que na roda jorre a energia vital. A desconcentração, a fraqueza do coro e o indevido acompanhamento por palmas faz a roda "desandar" e ter energia ruim. Nas culturas afro a palavra tem um grande poder criativo ou destrutivo. O puxador de canto em uma roda sem dúvida é a atualização do griot, em sua função de contar uma história do Brasil onde os negros são sujeitos tanto das ações cotidianas quanto das grandes lutas de libertação.

Almeida (ALMEIDA: 2014, p. 28-9) trabalhou em sua monografia com a letra de uma ladainha de roda de capoeira onde o autor realiza uma revisão da história da abolição da escravidão no Brasil que tem sido contada e recontada quer na historiografia quer nos livros didáticos.

Dona Isabel(Composição: Mestre Toni Vargas)

Iêêêêêê

Dona Isabel, que história é essa
Dona Isabel, que história é essa
de ter feito abolição
De ser princesa boazinha que libertou a escravidão
Tô cansado de conversa,
tô cansado de ilusão
Abolição se fez com sangue que inundava este país
Que o negro transformou em luta,
Cansado de ser infeliz
Abolição se fez bem antes e ainda há por se fazer agora
Com a verdade da favela,
E não com a mentira da escola
Dona Isabel, chegou a hora
De se acabar com essa maldade
De se ensinar aos nossos filhos,
O quanto custa a liberdade
Viva Zumbi, nosso rei negro,
Que fez-se herói lá em Palmares
Viva a cultura desse povo,
A liberdade verdadeira
Que já corria nos Quilombos,
E já jogava capoeira
Iêêê viva Zumbi...

Iêê Viva Zumbi, Camará
Iêêê Rei de Palmares
Iêê Rei de Palmares, Camará
Iêê Libertador

Iêê Libertador, Camará
Iêêê Viva Meu Mestre
Iêê Viva Meu Mestre, Camará
Iêêê quem me ensinou

Iêê quem me ensinou, camará
Iêêê a Capoeira
Iêê a Capoeira, Camará

A ladainha "Dona Isabel" de Mestre Toni é um exemplar de como essas cantigas são elaboradas com objetivo de contar versões de história onde a condição de sujeito dos negros é realçada e também a necessidade de se continuar lutando para que haja liberdade e igualdade na sociedade brasileira. Assim, na roda a história e seus sentidos é narrada e posta em prática em todos os gestos executados e palavras pronunciadas. O autor da ladainha identifica a capoeira como seu lugar de aprendizado da história.

Penso ter, ao apontar significados de alguns dos elementos que estão presentes em uma roda de capoeira, conseguido indicar como compreendo cada gesto na roda, embebido disso que estou chamando de modos de ensinar herdados das culturas africanas ou "didática da história" afro-brasileira. Dessa maneira, volto ao que indiquei inicialmente, que para ensinarmos história das populações Afro-brasileiras seria importante, ao reconhecer as diferenças culturais, reconhecermos que essas culturas produziram modos de ensinar distintos daqueles de nossa "didática" greco-ocidental e que provavelmente recorrermos a eles seria de grande valia para atingirmos nosso objetivo de dar a conhecer a história da África e dos Afro-brasileiros e assim conseguirmos combater de modo significativo a prática do racismo na sociedade brasileira.

Defendo que as presenças de grupos de capoeira nas escolas poderiam nos ajudar a compreendermos a "didática da história" dos Afro-brasileiros e assim reconhecermos e praticarmos seus métodos de ensinar, não só para temas ligados à história da África e dos Afro-brasileiros, mas também enriquecer, modificar, transformar nossas práticas de ensinar naquilo que temos percebido grande dificuldade. Neste sentido, penso que os grupos de capoeira e suas rodas poderiam ser particularmente ricos no que diz respeito à relação professor/aluno.

A capoeira como uma prática social foi forjada na experiência dos homens e mulheres Africanos escravizados no Brasil, assim sendo foi formatada nos modos de ensinar das culturas dessas pessoas e seus saberes são, portanto, transmitidos a partir dessa "didática". Desvendar a capoeira implica compreendê-la como uma narrativa histórica explicitada no significado cultural de cada gesto e de cada palavra. Penso que na luta por direitos das populações Afro-brasileiras precisamos reconhecer verdadeiramente sua alteridade, inclusive a alteridade didática, para que possamos ao ensinar história da África e dos afro-brasileiros incorporar, além dos conteúdos dados pela historiografia, seus modos de ensinar e de edificar "consciência histórica" aliando sua "didática da história" aos nossos esforços por fazer entender sua historicidade, possamos, na escola ou fora dela, no ensino de história ou não, produzirmos uma consciência histórica que venha de uma vez por todas pôr fim ao racismo em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. *Capoeira Angola: Cultura Popular e o Jogo dos Saberes na Roda.* Doutorado Em Ciências Sociais Aplicadas à Educação da UNICAMP, Campinas São Paulo, 2004.

ALMEIDA, Flávia Lima Leopoldino. *Capoeira e História: Potencialidades e Perspectivas na Construção e Ensino da Experiencia dos Afro-Brasileiros.* Trabalho de conclusão de curso de especialização "Cultura e poder" do curso de História da Regional Catalão-GO, 2014.

RÜSEN, Jörn. *História Viva: formas e funções do conhecimento histórico.* Brasília: EDUNB, 2007.

SERRANO, Carlos. M. H. *"Ginga, a rainha quilombola de Matamba e Angola".* Revista USP, São Paulo (28): 136 - 141, dezembro / fevereiro 95 / 96.

SOUSA Andréia Lisboa de & SOUZA Ana Lúcia Silva. *Oralidade - Cantos e re-encantos: vozes africanas e afro-brasileiras.* Publicado em Segunda, 14 outubro 2013 13:21 www.geledes.org.br/areas-de-atuacao/educacao/lei-10-639-03-e-outras/21492.

SOUSA JUNIOR, Vilson Caetano de. *Na palma da minha mão: temas afro-brasileiros e questões contemporâneas*; ilustrações de Rodrigo Siqueira. - Salvador: EDUFBA, 2011. 166 p.: il.